



## **Cartografias sexuais no âmbito educativo: (re)desenhar o currículo e o ensino**

**Marcos da Cruz Alves Siqueira**<sup>1</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Ilha Solteira, SP, Brasil

**Luisa Vitória de Almeida Corrêa**<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Ilha Solteira, SP, Brasil

**Resumo:** Este é um trabalho de iniciação científica (IC) desenvolvido no ensino médio. As questões norteadoras do trabalho são: gênero e sexualidade têm um mapa? Quais cartografias sexuais são criadas por instituições educacionais para falar sobre os papéis de gênero? Com isso, o texto busca discutir como as questões de gênero e sexualidade vêm sendo articuladas no currículo educacional e, conseqüentemente, no ensino, desconstruindo algumas cartografias sexuais impostas de forma repreensível e preconceituosa – a partir do olhar da orientanda, que é aluna do ensino médio-técnico. A discussão tem como ponto fulcral o currículo e o ensino. Por este viés, entendemos gênero e sexualidade enquanto construções sociais, históricas e culturais, produzidas pelas diversas instâncias políticas. Por meio do artigo, tentamos tensionar a compreensão de currículo escolar e ensino e apontamos para os/as leitores/leitoras como a discussão de gênero e sexualidade atravessa as relações pedagógicas entre profissionais da educação e estudantes. Por fim, consideramos importante discutir/dialogar estas questões no ensino médio-técnico com os alunos e alunas, mobilizando-os a participar do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual. Identidades. Mapas.

**Abstract:** This is scientific initiation work (IC) developed in high school. The guiding questions of the work were: does gender and sexuality have a map? What sexual cartographies are created by educational institutions to talk about gender roles? With this, the text seeks to discuss how issues of gender and sexuality have been articulated in the educational curriculum and consequently in teaching,

deconstructing some sexual cartographies imposed in a reprehensible and prejudiced way - from the perspective of the student who is a high school student - technician. The discussion focuses on curriculum and teaching. From this perspective, we understand gender and sexuality as social, historical and cultural constructions, produced by different political instances. Through the article we will try to tension the understanding of school curriculum and teaching, printing notes in a critical way and providing opportunities for readers through notes, how the discussion of gender and sexuality crosses pedagogical relationships between education professionals and students. Finally, we consider it important to discuss/dialogue these issues in secondary-technical education with male and female students, mobilizing them to participate in the teaching and learning process.

**Keywords:** Sexual Diversity. Identities. Maps.

## **INTRODUÇÃO: DESENHAR MAPAS E FINCAR ESTACAS ONDE É PERMITIDO SENTIR**

Para Felix Guattari e Sueli Rolnik (1999), a palavra “cartografia” tem o significado de arte ou ciência de compor cartas geográficas ou mapas, mas pode ser utilizada, de forma subversiva, no sentido de mapear ou traçar caminhos para alguma finalidade. Já a palavra “sexual” ganha caráter de pertencimento ou relativo ao sexo que possui ou que o caracteriza. Deste modo, o título desta pesquisa “Cartografias sexuais [...]” subverte os conceitos, de forma respeitosa, para fazer aproximações e refletir sobre como o currículo direciona as condutas sexuais dentro da escola. Além disso, as normas e valores desenhados por instituições educacionais vão moldando os comportamentos de sentir e de utilizar certas palavras de cunho sexual, conforme aponta Maio (2011):

A reprodução de normas, valores ou regras apregoadas, consciente ou inconscientemente, por uma ideologia dominante e repressora, aparece quando se utiliza a linguagem, verbal ou escrita, em relação à sexualidade, nos sinônimos que geralmente as pessoas atribuem a esse universo, revelando um modelo de repressão e até desconhecimento, por parte da maioria delas (Maio, 2011, p. 73).

É por meio da reprodução de normas, valores e regras que ocorrem, no âmbito educativo, a construção do currículo escolar e, conseqüentemente, o ensino

com as suas cartografias sexuais. É por meio de normas e regras que a escola estabelece o que é permitido sentir, vivenciar ou experimentar, quando o assunto é gênero e sexualidade. Desta forma, ao problematizar estas condutas presentes no currículo, é que podemos desenvolver um diálogo sobre as questões referentes à educação para sexualidades e discutir possibilidades de abordar, de forma interdisciplinar, o assunto que permeia este trabalho: gênero e sexualidade. Assim, reconhecemos o gênero como as relações estabelecidas entre homens e mulheres de forma social, cultural, política e econômica. Além disso, reafirmamos que o gênero não é determinado biologicamente, mas é construído socialmente. Já o universo da sexualidade está intimamente ligado às concepções de prazeres, desejos, crenças, fantasias, vontades e afetos que vão moldar as relações de gênero.

Outros conceitos que é preciso destacar antes de continuar neste mapa é o de currículo e ensino. Segundo Silva (2005), o currículo pode ser caracterizado como o resultado de uma seleção, escolha e/ou um universo amplo de conhecimentos, saberes, vivências, trocas e experiências que vão compor o que chamamos precisamente de currículo escolar. Essa seleção de saberes auxilia os/as educandos/as nos diversos níveis educacionais, desenvolvendo suas habilidades e subjetividades, conforme a idade adequada de cada indivíduo.

Para Sacristán e Gómez (1998), o ensino é caracterizado como o conjunto de atividades pensadas e sistematizadas que desenvolvem o currículo na prática para produzir a aprendizagem. É preciso que os/as profissionais da educação dialoguem sobre o currículo e o ensino e qual modelo de homem e de mulher eles pretendem formar para a sociedade. Por isso, as escolhas elencadas no currículo determinam a forma de ensinar. Tanto o currículo quanto o ensino podem e devem ser adaptados de acordo com a realidade de cada instituição. Estas duas ferramentas, currículo e ensino, são essenciais para o desenvolvimento da organização pedagógica na escola.

A seleção curricular impacta no ensino. Isso, apresenta, além da eleição de saberes e conhecimentos, normas e condutas que os indivíduos devem seguir, sentir e/ou vivenciar no âmbito educativo. Quando o assunto é gênero e sexualidade, as escolas elegem, em seu currículo, quais disciplinas podem ou devem trabalhar a temática. O ensino direciona como a temática, gênero e sexualidade, será abordada com os/as alunos/as. Neste percurso, as escolas podem omitir ou silenciar esses temas nas disciplinas ou atividades curriculares.

O currículo passa, então, a ser um jogo de disputa e poder que direciona caminhos que a escola deve seguir, os prazeres que são permitidos vivenciar, identidades sexuais que podem se manifestar/expressar, crenças que podem ser experienciadas. Deste modo, as narrativas sexuais presentes no currículo se transformam em cartografias que os sujeitos devem caminhar e/ou trilhar no âmbito educativo.

As cartografias sexuais aparecem no currículo e no ensino de formas repreensíveis, ao separar alunos/as por genitálias, e preconceituosas, quando um/a aluno/a não se enquadra nas normas estabelecidas pela escola ou quando os indivíduos se utilizam, em seu discurso, segundo (Maio, 2011), de sinônimos e/ou apelidos para se referir a gênero e sexualidade, como, por exemplo: trocam o nome de pênis e vulva por outros nomes como: pintinho e perereca. Estes sinônimos, que aparecem no âmbito educativo, demonstram dois caminhos no qual se trabalha a educação sexual: por meio do silenciamento ou repressão, além de tentarem, a todo momento, direcionar a discussão pelo viés biológico, descartando outros aspectos, como os político, social e cultural.

Quando o tema gênero e sexualidade é discutido no âmbito educativo, esses conteúdos são direcionados para as disciplinas de Ciências e Biologia, que têm como princípio o estudo da anatomia do corpo humano para explicar os corpos, gêneros e sexualidades. Estas disciplinas que têm o corpo como um dos seus objetos de estudos se utiliza do currículo escolar e o ensino para criar uma cartografia sexual em que o/a aluno/a possa percorrer, traçando caminhos por meio do discurso, o que pode e o que não pode falar ou sentir na escola, criando, assim, estacas sobre o que pode sentir, falar, desejar, acreditar ou expressar. Por este modelo, as instituições educacionais vão normatizando corpos e desejos e novas identidades são silenciadas.

Por este motivo, é mais que necessário (re)desenhar o currículo e o ensino a partir do olhar dos/as alunos/as, convidando-os a participar do processo. Neste sentido, pela visão da orientanda de IC do médio-técnico, (re)desenhar o currículo e o ensino é inserir questões de gênero e sexualidade nas diversas disciplinas, criar estratégias e ações para desenvolver os temas e concretizar esses assuntos por meio do ensino.

Assim, o currículo escolar é o fio condutor para o ensino-aprendizagem entre educador/a e educando/da. Como também para orientar profissionais da educação no direcionamento de matérias-base para a formação do indivíduo e seu processo

de ensino. Acreditamos, também, que o currículo se materializa na escola por meio das práticas docentes, criando um dinamismo na qual a interdisciplinariedade é o elo que conecta o currículo e a realidade dos alunos/nas. Com isso, o currículo escolar pode apresentar estratégias e ações para trabalhar as questões de gênero e sexualidade na escola.

## **(RE)DESENHAR GÊNERO E SEXUALIDADE POR MEIO DO CURRÍCULO E ENSINO?**

As cartografias formam relações de poder e instituem os papéis sociais de meninos e meninas, criando binarismo de gênero. Segundo Louro (2012), binarismo é uma construção social que os individualiza e que, por meio das relações sociais, se impõe política, cultural e socialmente. Assim, apenas dois gêneros sexuais em nossa sociedade se constituem, reafirmando politicamente: homem e mulher.

É por meio desta normatização vinculada ao discurso que se gera violência e insegurança, ao trabalhar uma educação que visa a discutir gênero e sexualidade. Temos, em nossa sociedade, pensamentos que normatizam e classificam, apontando papéis sociais que homens e mulheres podem desempenhar e, conseqüentemente, criam a divisão sexual de gênero. Esta separação aparece no currículo e nas práticas de ensino (Louro, 2012).

Ao trabalhar uma educação que busca a emancipação, rompemos as cartografias ou o passo a passo sobre o que pode ou não cada gênero realizar e pautamos em uma construção histórica e social dos indivíduos, buscando novas óticas para pensar a inserção das temáticas “gênero” e “sexualidade” no currículo e, conseqüentemente, no cotidiano da escola. Por isso, o currículo e o ensino também são ferramentas essenciais para (re)desenhar os conceitos de gênero e sexualidade na escola. Se o tema diversidade sexual não aparecer no currículo, esta é uma excelente oportunidade de ver as possibilidades de inseri-lo em outras disciplinas além das de Ciência e Biologia.

A disciplina de História pode contribuir para compreender os movimentos sexuais no Brasil e sua importância na conquista de direitos. A disciplina de Sociologia pode demonstrar, por meio de dados, como o feminicídio vem aumentando nos últimos anos e os impactos disso na sociedade. A Matemática pode demonstrar, por meio de gráficos, os altos índices de violência contra a população de mulheres e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais –

LGBTI+. (Re)desenhar o currículo é inserir temas que, antes, eram silenciados e que possam ser aplicados por meio do ensino.

Assim, um outro caminho para avançarmos nas discussões rompendo mitos sobre educação sexual no âmbito educativo que permeiam o imaginário de pais, alunos/as e professores/as é inserir, juntamente com educadores/as, educandos/as e comunidade, questões essenciais sobre gênero e sexualidade em cada fase escolar. Aproximar a comunidade escolar do tema por meio de palestras, projetos e rodas de conversa. Mas, para que isso aconteça, é necessário que a construção deste currículo seja discutida de forma coletiva. Este é um desafio das entidades escolares, pois, muitas vezes, o currículo não é discutido e chega pronto para os/as educadores/as apenas aplicá-lo em sua instituição.

Além das possibilidades de inserção da temática, é possível observar as dificuldades que existem ao inserir o tema educação sexual no currículo escolar por conta do imaginário por parte dos/as pais/mães, alunos/as e professores/as. Este imaginário permeia desde figuras fantasiosas sobre os conceitos: gênero, sexualidade, sexo etc. até mesmo discursos do cotidiano familiar.

Os conceitos distorcidos por parte da família demonstram o quanto o tema gênero e sexualidade não foram desenvolvidos na etapa escolar desses sujeitos. As cartografias que essas famílias utilizaram para compreender seus prazeres, vivências e crenças estão diretamente ligadas às concepções errôneas e repreensões de alguns/mas pais/mães sobre o tema e isso interfere no diálogo com seus/suas filhos/as na infância. Com isso, os pais e mães, ao dialogarem sobre sexo com seus/as filhos/as, reproduzem, para eles, estas cargas de emoções e conceitos errôneos que perpassaram suas concepções de educação sexual na escolarização.

Ao olhar para o currículo de forma crítica, podemos identificar e (re)desenhar a forma que a escola vem trabalhando a temática gênero e sexualidade. Além disso, a comunidade escolar precisa compreender que os indivíduos que se relacionam com outros sujeitos e que possuem as genitais (fator biológico) idênticas visualizam e concebem o conceito de sexo de formas múltiplas. As instituições educacionais, partindo do conceito que o currículo é um instrumento de poder, tentam criar uma cartografia sexual controlando as identidades por meio do discurso e silenciando alguns desejos.

Podemos perceber que as cartografias sexuais produzidas na escola não vêm ao encontro da prática social destes/as educandos/as e professores/as que, muitas vezes, preferem silenciar o assunto sobre gênero e sexualidade. Estes silêncios

alimentam os discursos presentes nas instituições educacionais e explodem nas relações sociais em forma de violências escrita, verbal e física. As cartografias criadas por meio dos parâmetros educacionais e expressas no currículo não conseguem suportar as existências de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBTI+ presentes na escola. Isso também tem reflexo nas políticas educacionais.

A busca por entendimento e compreensão de uma política educacional que visa a discutir e a dialogar com a comunidade assuntos referentes a gênero e sexualidade caminha em passos lentos por parte de uma resistência e de falta de preparação para trabalhar a temática. Estas implicações estão diretamente ligadas à política educacional brasileira e alguns discursos religiosos interferem direta e indiretamente na forma de pensar a produção científica no Brasil (Ribeiro, 2009).

Assim, ao problematizar as cartografias sexuais e silêncios sobre o assunto de gênero e sexualidade, tenta-se desconstruir alguns discursos repressivos e preconceituosos que ainda permeiam a formação de alunos e alunas e que são propagados no currículo e práticas de ensino, criando uma cartografia sexual para controlar os desejos e construções de identidades. Deste modo, não é proporcionar um tratamento igualitário a todos/as os/as estudantes e profissionais da educação, pois sabemos que todo o indivíduo tem suas particularidades e, dentro delas, buscamos uma educação que visa ao direito civil igualitário em que se possa assumir suas identidades sexuais e suas personalidades e não sofram nenhuma exclusão, seja de direitos ou espaço social, para que possam, de certa forma, dinamizar suas vidas: trabalho, família e sociabilidade.

Deste modo, as cartografias sexuais criadas nos parâmetros educacionais possam ser (re)desenhadas e pensadas de forma coletiva. Percebemos que o campo da educação, que está ligado diretamente à formação do pensar dos/as alunos/as, é um ponto de partida para colocar em prática ações que visam a esse direito igualitário em nossa sociedade, com o intuito de erradicar discursos homofóbicos que excluem e reprimem pessoas LGBTI+.

O currículo escolar e o ensino são um destes caminhos para pensar os desdobramentos ora citados. Pois os apontamentos realizados no currículo inferem direto no ensino e nos discursos de alunos/nas e professores/ras. Isso, de certa forma, mobiliza os indivíduos a pensar em seus direitos e na sociabilidade de bens comuns entre homens e mulheres. Percebemos que a inserção das temáticas gênero e sexualidade pode ser um dos caminhos a se chegar a uma educação para

todos e todas e ao entendimento desta crescente onda de violência contra os/as LGBTI+.

Não podemos descartar também que outro entrave para se trabalhar esta temática vem da formação de professores/as, que não é adaptada à realidade e ao cotidiano da comunidade escolar. Nesta perspectiva, o processo de formação docente a partir do entendimento da educação sobre gênero e sexualidade tem de acompanhar as necessidades e as experiências de pessoas LGBTI+ que estão presentes nas instituições educacionais. Com isso:

A falta de um entendimento e a propagação do discurso sexual distorcido nas escolas cria silêncios e dúvidas que aos poucos vão sufocando, homens e mulheres, que adentram casas, instituições escolares, universidades, matam milhares de pessoas (Ribeiro, 2009, p. 95).

A escola é uma instituição capaz de oferecer uma educação antissexista, antifascista e antirracista, tendo como ponto de partida os currículos escolares e o ensino. É preciso pensar a temática gênero e sexualidade para que possamos refletir sobre os silêncios dentro do âmbito educativo, buscando estratégias e ações que tenham efeitos de mudança e não de repressão. Ademais, gênero e sexualidade são dispositivos históricos que, segundo Foucault (2000), podemos classificar como um conjunto de concepções, ideológicas, políticas e sociais que modelam o corpo e a identidade de sexual, por meio de instituições de poderes e seus interesses.

Estas instituições de poder são as escolas e são elas quem introduzem, nas relações pessoais, formas de pensar e agir nas quais normatizam homens e mulheres de acordo com seus interesses políticos e sociais. Os dispositivos históricos pelos quais Foucault (2000) nos leva a uma reflexão colocam em dúvida a heterossexualidade como natural/normal, sendo que outras identidades são excluídas e tidas como não naturais/normais, como por exemplo, a homossexualidade.

Por fim, ao tratarmos do tema de uma educação que visa a discutir gênero e sexualidade na escola, é preciso considerar que estes conceitos elencados são um processo construtivo inerente à vida social e seus dinamismos, que se expressa desde cedo nos sujeitos. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito, a coletividade, as discriminações e os estereótipos que são construídos socialmente e, na educação, rompem algumas cartografias para (re)desenhar outras novas.



## CONSIDERAÇÕES

Ao tratarmos da importância do tema gênero e sexualidade nas escolas, refletimos sobre o currículo escolar, o ensino e as cartografias sexuais que permeiam estas instituições que criam e recriam manuais de civilidades e condutas, sendo um ponto importante para pensarmos uma educação equânime. Vale destacar que essas cartografias também influenciam no papel e na postura dos/as educadores/as da escola e comunidade que, muitas vezes, preferem silenciar um/a aluno/a em sua dúvida e encaminhar o sujeito para a cartografia criada, pronta e precisa.

Ademais, o âmbito educativo e as inúmeras violências de gêneros: homofobia, violência contra a mulher, sexismo, fascismo e machismo devem ser dialogadas no currículo, buscando soluções para uma educação equânime, pois, assim, permitirá aos/às professores/as analisar criticamente a sua ação dentro da escola. Quando o currículo é problematizado dentro da escola e os/as profissionais da educação pensam estratégias e ações para romper com estes silêncios, visualizam e (des)constroem cartografias sexuais impostas e trabalham assuntos antes silenciados, visando a uma educação que discute gênero e sexualidade.

É preciso que o currículo e o ensino sejam (re)desenhados de forma contínua. Isso porque a escola, assim como a sociedade, está em constante transformação e os sujeitos que participam deste processo também influenciam e são influenciados. Com isso, o currículo precisa abarcar as necessidades e angústias dos sujeitos, a escola é um local propício para dialogar e compartilhar experiências que vão auxiliar as pessoas em seu cotidiano.

Assim, de certa forma, caminhar para um pequeno entendimento desta temática, gênero e sexualidade, em nossa sociedade, é compreender as novas identidades que são compostas de diversas linguagens, roupas, utensílios, como brinco, *piercing*, fantasias e desejos, ou seja, é uma construção social que o indivíduo realiza perante a sociedade, tendo caráter político e reafirmando, assim, o seu gênero e a sua sexualidade em diversos espaços sociais. Por fim, este trabalho promove a discussão do currículo escolar e do ensino, apontando reflexões para educadores/as, em processo de formação, para que possam respeitar os direitos sexuais, e que estes sejam equânimes e acessíveis a qualquer cidadão/ã, partindo da educação como forma de mudança.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**: A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MAIO, E. R. **O Nome da Coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011.

RIBEIRO, P. R. C. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. *In*: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S. da. **Diversidade sexual e a problematização da homofobia no espaço escolar**. Rio Grande: FURG, 2009. p. 60-170.

SACRISTÁN, J. G. GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.